NUM. 147 SABBADO 25 DE MARÇO DE 1911 ANNO IV

Careta

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

PINHEIRO — Isto é para salvar os "a pedidos" escriptos por nós mesmos.

MODELO LUIZ XV

Casa Especial de Colletes e Cintos para Senhoras

Grande sortimento de todos os modelos e qualidades

ULTIMAS CREAÇÕES DE MODELOS LUIZ XV

De uma superioridade incontestavel em

ELEGANCIA, HYGIENE E CONFORTO

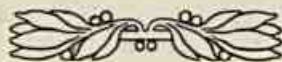
Peçam novos

Catalogos

illustrados da

Casa

Claire Pucheu

Claire Pucheu

A casa *Modelo Luiz XV* estima muito ser a primeira a offerecer a élite de nossa sociedade elegante estes modelos *Corset Pantalon*; accessorio indispensavel a toda senhora que quizer vestir a *robe fourreau* et *à robe pantalon.*

Satisfazem rigorosamente a todas exigencias da moda e reunem victoriosamente as melhores condições de elegancia, hygiena e conforto.

Preços sem competencia em iguaes condições de qualidades e feitios

J. M. Pucheu

TELEPHONE N. 2191

Rua do Ouvidor, 177 — Rio de Janeiro

MARCENARIA BRASILEIRA

ESPECIALIDADE em MOVEIS e TAPEÇARIAS

Dormitorios completos com 8 peças, em peroba ou canella	900$000
Ditos em vinhatico, com 8 peças	800$000
Salas de jantar, de canella, com 16 peças	760$000
Ditas em vinhatico...............	700$000
Salas de visita, de 162$000 a........	600$000

11, Rua da Constituição, 11

TELEPHONE N. 185

De Graça

aos possuidores do
Siphão „Prana" Sparklet ! !

"PRANA" SPARKLETS

Todas as pessoas que tenham adquirido este

ideal e util apparelho

podem conserval-o em perfeito funccionamento, repondo, de vez em quando, as partes que se gastam com o uso e que são : a agulha de perfurar os cartuchos e as pequenas rodellas de borracha.

¶ **Estes sobresalentes** e as indicações sobre a sua collocação se enviam **absolutamente gratis** e livre de porte a quem as pedir aos unicos concessionarios no Brazil :—

LOUIS HERMANNY Y CIA., RIO DE JANEIRO.

Careta

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DA ASSEMBLÉA, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS
ANNO . . . 15$000 | SEMESTRE . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . 400 Rs.

EDIÇÃO DE "KOSMOS"

N. 147 | RIO DE JANEIRO — Sabbado — 25 — Março — 1911 | ANNO IV

ALMANACH DAS GLORIAS

Dr. Alberto Ribeiro

I

O dr. Alberto Ribeiro é um desses preciosos medicos que armados de sciencia nova e revestidos de austeridade antiga consideram a medicina um arduo sacerdocio leigo; espalham beneficios atravez de todas as classes com a generosidade silenciosa do luar innundando valles e montes, e, operando maravilhosas curas, prendem aos labios, para não divulgal-as, o inquebravel cadeado, em universal desuso, do segredo profissional.

Nos alegres tempos de estudante, sendo cidadão de uma gloriosa republica sul-rio-grandense proclamada e mantida, ha mais de vinte annos, entre a velha rua de Santo Amaro, hoje Dom Carlos I, e a de Santa Christina, empunhou o trabalhoso leme do governo e, para vencer as terriveis difficuldades oriundas de uma crise economico-financeira dos republicanos, transferio-os, com o Estado, para a commodidade deliciosamente plebéa de uma estalagem e removeu-os, semanas depois, para o luxo soberbo de um palacete, onerando-os, então, com um imposto de tal peso que desencadeou uma série calamitosa de crises. Para divertir os ocios permanentes dos contribuintes enervados e desarmar a precatada desconfiança dos visinhos, instituio os famosos jogos olympicos: — aladas corridas com pernas de páo. Quando, com o equilibrio orçamentario, desannuviou-se, largo e risonho, o futuro da republica, o grande presidente desceu das pernas de páo e resignou o mandato.

Entregou-se, e para sempre, á medicina. Enclausurou-se por tres estudiosos annos num dolente recinto de hospital; formou-se, e num lustro, sem fragor, sem amigos que o empurrassem, triumphante pela força unica do seu merito, conquistou, a par de uma vasta clinica, uma radiosa reputação.

O seu nome, interpretado pela sua conducta, tem uma significação tres vezes rutilante: caracter, estudo, coração.

Dr. Heitor da Silva Costa

II

Ao dr. Heitor da Silva Costa cabe a gloria de ter ideado e construido um dos primeiros e mais bizarros palacios da Avenida Central.

E' engenheiro. A sua engenharia reune a certeza positiva da Sciencia á graça voluptuosa da Arte.

As peregrinas qualidades do seu alto espirito cultivado a primor irradiam claridades novas sobre o nome illustre de sua familia, cujas fidalgas tradições de aristocracia e gentileza vem dos luminosos tempos imperiaes.

No delicado commedimento da sua mimica, na sua maneira quasi melancolica de ennunciar a phrase, em todo o seu porte moço e não grande, revela-se a apurada nobreza de uma raça: a forte raça, ora em apagado declinio, que fez a immortal grandeza da Lusitania e levantou continentes perdidos no mysterio verde das ondas... Muitas vezes a apparencia de fadiga de um homem retrata o languido occaso de uma estyrpe que por haver attingido e ultrapassado os requintes do aperfeiçoamento lentamente desanda numa poetica decadencia...

Sorri-lhe a ventura. Com o vagar soberano de um sceptro, num gesto manso de dominio sereno, estende o braço, estende-o sobre a paysagem miraculosa da felicidade e, como nos ridentes contos de fada, tudo, da cornucopia farta da fortuna ao divino esplendor da belleza — tudo se inclina ao seu gesto.

VOL-TAIRE

O LANCEIRO GRIESPACH

POR

QUATRELLES

Oitenta mil homens: era infanteria, cavallaria, artilheria... O Imperador passa-os em revista. A Imperatriz e o Principe imperial estão ao seu lado. Em torno d'elles piaffa, brilha, resplandece o estado maior dos grandes dias, dos dias solemnes, ao qual se juntou um completo sortimento de estrangeiros da maior distincção.

De repente, a Imperatriz pára, admirada, estupefacta. O seu olhar vivo e destro distinguiu um lanceiro azul e encarnado destoando enormemente nas fileiras dos seus dragões verdes e brancos.

— Porque é que aquelle lanceiro se encorporou no meu regimento? pergunta a soberana ao soberano.

— Não tinha reparado. — Marechal?

O marechal ministro da guerra approxima-se.

— Que faz aquelle lanceiro no meio dos dragões da Imperatriz?

— Vou-me informar, Sire.

E o nobre ministro da guerra, deixando o estado-maior, trota, trota, trota, até que alcança o marechal commandante das guardas imperiaes.

— Meu caro marechal, o imperador manda-me perguntar-lhe o que faz aquelle lanceiro que o senhor está vendo lá ao longe, nas fileiras dos dragões da Imperatriz.

— Meu caro ministro, confesso-lhe que não estou menos surprehendido que Sua Magestade. Vou tomar informações e dou-lhe a resposta promptamente.

E o marechal que commanda as guardas imperiaes galopa!... galopa!... galopa!... até que encontra o general de divisão commandante em chefe da cavallaria das guardas.

— Com mil bombas! general, queira explicar-me o que faz aquelle estupido d'aquelle lanceiro no meio dos dragões da Imperatriz! O Imperador está bem contente, não haja duvida!

— Com mil raios!... marechal!... ainda o não tinha visto. Vou saber o que tudo isto significa.

E o general de divisão commandante em chefe da cavallaria das guardas começa a trotar: badabum!... badabum!... badabum!... até encontra o general de brigada, chefe do estado-maior general. Chega ao pé d'este fatigadissimo, quasi sem poder articular palavra.

— Meu caro. O Impe...pe...rador não com...prehende, nem eu tão pouco, o que... faz aquelle lan...lanceiro no meio dos dra...gões!...

— O facto é verdadeiramente extranho e assombroso. Vou-lhe responder n'um instante, diz o general que parte ao trote, ao trote, ao trote, em busca do coronel de dragões.

Mas o regimento pôz-se em marcha: tárátá, tárátá, tárátátá! arrebatado pela desfilada.

O general de brigada, chefe do estado-maior general, começa a galopar, hop! hop! hop! durante quinze minutos. Chega todo esbaforido junto do coronel.

— Coronel!... coro...nel! O Imperador manda perguntar como é que o senhor tem um lanceiro nas suas fileiras de dragões!

— Não posso deixar agora o commando do regimento para me informar de semelhante cousa, responde o coronel que vae galopando, hop! hop! hop! de espada em punho. Mas queira dirigir-se ao chefe do segundo esquadrão.

E o regimento continua a desfilar: badabum! badabum! badabum!

O general de brigada, chefe do estado-maior general, faz signal a um ajudante de campo para que lhe venha falar. O ajudante approxima-se a toda a brida: plaf!... plaf!... plaf!...

— Vá perguntar ao commandante do segundo esquadrão dos dragões da Imperatriz, da parte de Suas Magestades, porque razão é que está um lanceiro mettido nas fileiras.

O ajudante parte a toda a brida, n'um galope desfeito: plaf!... plaf!... plaf!...

— Meu commandante, Suas Magestades querem saber o que faz aquelle lanceiro nas fileiras do seu regimento.

— O que? Nós temos um lanceiro nas nossas fileiras?... O senhor está bem certo do que me está a dizer?... Mas agora reparo... E' verdade; por que diabo temos nós um lanceiro nas nossas fileiras?

"Ora esta! Eu não posso agora abandonar o meu commando, mas o senhor tem todas as indicações que deseja se se dirigir ao capitão Grinpemil.

E o official d'estado-maior torna a partir, a toda a brida, n'um galope ainda mais desfeito: badalaplaf! badalaplaf! badalabum!...

— Capitão!... por ordem do Imperador, por que diabo tem um lanceiro nas suas fileiras?

— Isso deve ser disparate do tenente Clodomiro Esse animal não faz senão destas! Vou saber toda a verdade. Confesso-lhe que me parece tola semelhante ideia de metter um lanceiro nas nossas fileiras. Mas que quer... se eu fosse o commandante as coisas haviam de marchar d'outro modo.

O regimento desfilava sempre.

E o capitão Grindemil partiu n'um grande galope: trimalabum! trimalabum! trimalabum!

— Alferes Cascapilo, onde está o tenente Clodomiro?

— Meu capitão. O major chama-o.

— Tome o seu logar nas fileiras: Vá dizer-lhe immediatamente que Suas Magestades estão muito zangadas por verem um lanceiro nas suas fileiras. Pergunte-lhe a causa de semelhante disparate.

O regimento desfilava sempre.

E o alferes Cascapilo afastou-se a toda a brida... Clim!... clim!... clim!... a sua grande espada batendo na pansa do cavallo e na barriga da propria perna.

Decorrem cinco minutos. O alferes Cascapilo não vem. Mas, emfim, uma nuvem de poeira approxima-se, da nuvem de poeira sahe um militar banhado em suor — é o alferes Cascapilo.

— Capitão!... O tenente Clodomiro respondeu-me: — Ora essa! Eu sei lá d'isso! E' o maldito do brigadeiro Kiétanso que é o culpado. Peça ao capitão que espere um pouco, que eu vou tomar informações.

O regimento desfilava sempre, e emquanto o official d'estado-maior esperava, o alferes Cascapilo causava horriveis impaciencias ao capitão Grindemil.

Mas ahi vem o tenente Clodomiro em vertiginosa corrida: clap!... clap!... clap!...

O alferes Cascapilo galopa ao seu encontro.

— Então tenente?

— Estamos com a macaca, meu capitão! O brigadeiro Kiétanso está nas ambulancias.

Com mil demonios!... Estamos bem arranjados!

E regimento desfilava... filava... filava... sempre.

Então o alferes Cascapilo, que era tão finorio nos conselhos quanto bravo nos campos de batalha, exclamou de repente, tocado por inspiração divina:

— E se nós nos dirigissemos ao lanceiro?

— Ahi está uma ideia que não é tola, comquanto a disciplina se opponha; mas.... Trata-se de obedecer ao imperador. Vou ter com o capitão Grindemil que parece estar impaciente. E o senhor, alferes Cascapilo, não se esqueça que tem de responder a duas cabeças coroadas! A coisa prompta, venha ter commigo.

Durante este tempo, o regimento desfilava... filava... filava... mais do que nunca.

O alferes Cascapilo tornou a partir em grandissimo galope: tarabum! tarabum! tarabum!... Vê o lanceiro e grita-lhe:

— Eh! lanceiro!... Sim, você, o lá de baixo! Como se chama?

— Griespach, de Colmar, meu official.

— Porque razão não está em uniforme?

— A minha farda não estava prompta, meu official.

— Pois dissesse-o logo! Ha de ter dois dias de solitaria!

E o alferes Cascapilo foi ter, ao galope, com o tenente Clodomiro.

— Meu tenente, pode participar ao Imperador que o lanceiro me respondeu que a sua farda não estava prompta.

— Que novidade!... Disso já desconfiava. Pois ha de ter dez dias de solitaria.

O tenente Clodomiro vae ter com o capitão Grindemil.

— Meu capitão, pode participar a Suas Magestades que o lanceiro que infelizmente viram no corpo de dragões é um novo alistado, e ainda não recebeu o fardamento.

— Por essa esperava eu!... O patife ha de ter um mez de solitaria.

E o capitão Grindemil partiu a todo o galope, em busca do commandante do segundo esquadrão.

Será necessario accrescentar que em todo este tempo o regimento desfilava... filava... filava sempre?

— Então! Soube alguma cousa, capitão Grindemil?

— Meu commandante, parece que o lanceiro que tanto desagradou ao Imperador, ha poucos dias incorporado no nosso regimento, ainda não recebeu a sua farda.

— O senhor toma-me por um imbecil? E' muito boa! Vem-me dizer uma cousa que eu estou farto de saber! Ora ferre-me com o lanceiro na solitaria e dê-lhe seis semanas de detenção.

E o commandante do segundo esquadrão, pela sua vez, parte a toda a brica. Alcançou em pouco tempo o coronel, á frente do regimento que continua a desfilar.

— Que deseja?

— Meu coronel, o lanceiro...

— E então?

— O lanceiro que quiz deshonrar e envergonhar o nosso bravo regimedto.

— Depois?

— E' o soldado de cavallaria Griespach, incorporado ha pouco, e que ainda não recebeu a farda por que não estava prompta.

— E gastou todo este tempo para o advinhar?... Não o felicito pela nova! Mande pôr a ferros o lanceiro Griespach.

O official do estado maior approxima-se a todo o galope!

— Então, coronel?

— Não posso deixar a frente do meu regimento emquanto estamos desfilando; mas pode annunciar ao Imperador que justiça será feita. Se o lanceiro Griespach não está em uniforme, é porque não lhe deram a farda a tempo. Queira transmittir a Suas Magestades a expressão do meu maior sentimento por tão lastimoso facto.

— Côrro, coronel!

E emquanto o regimento continúa a desfilar o ajudante de campo, a toda a brida, approxima-se do general de brigada, chefe do estado-maior general.

— General, pode informar a Suas Magestades que o lanceiro Griespach, que tanto lhes desagradou foi ha pouco incorporado nos dragões da Imperatriz, e que o fardamento ainda lhe não foi entregue.

— E não quer tambem que lhe diga que foi Judas que vendeu Christo? Sempre me dá cada novidade! O lanceiro Griespach ha de passar em conselho de guerra!

E o general de brigada, chefe do estado-maior general, larga as rédeas ao cavallo. Em poucos minutos approximava-se do general de divisão, commandante em chefe de cavallaria das guardas.

— Meu caro general, pode dizer ao Imperador que o lanceiro está ha pouco tempo no regimento de dragões, e que ainda não recebeu os seus fardamentos.

— Que desculpa!

— E o que o se faz do lanceiro Griespach?

— Que o mandem para a companhia de correcção!

E o general de divisão, commandante em chefe da cavallaria das guardas, parte a todo o galope.

— Senhor marechal, diz elle ao commandante em chefe da guarda imperial, o lanceiro...

— Qual lanceiro?!

— O marechal sabe perfeitamente... aquelle que o Imperador notou ha uma hora e que tanto lhe desagradou, o lanceiro Griepash...

— E então?

— Pelos modos acabam de o incorporar ha poucos dias nos dragões da Imperatriz, e ainda lhe não deram os fardamentos.

— Ha que seculos que o sei! Que o mandem desautorar...

E o marechal, ao galope, vae ter com o marechal ministro da guerra.

— Meu caro marechal, acabo de saber que o lanceiro...

— Qual lanceiro?

— O lanceiro Griespach.

— Que o fuzilem!...

— Disseram-me que elle não tinha recebido o seu fardamento; é a razão por que...

— Sua magestade occupa-se neste momento da distribuição das medalhas; não sei se o deva incommodal-o...

— Fallando a Sua Magestade do lanceiro Griespach, o marechal não faz mais do que executar as suas ordens...

— E' exacto.

E o ministro marcha ao triplice galope até ao Imperador:

— Sire!

— Que deseja?

— Queria fallar-vos do lanceiro Griespach...

— Pois bem, dêm-lhe uma condecoração.

E é depois disto que o lanceiro Griespach, oriundo de Colmar, traz a medalha dos bravos que mereceu pelo seu valor!

FIM

A NOVA MODA

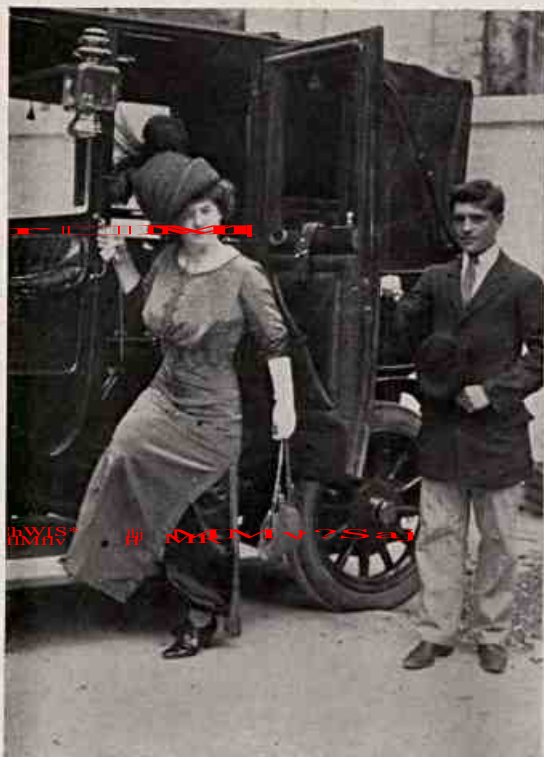
Mme. Calandra em saia calção afrontando a curiosidade publica.

PROTESTO CONTRA PROTESTO

O sr. Coelho Lisboa, com a sua respeitabilidade de ex-senador, e apezar della, está exhorbitando e tornando intoleravel a sua funcção de protestante contra tudo e contra todos e começa a desafiar a justa colera da gente sensata. Ha dias, na opinião de muita gente, o encartolado convocador de comicios chegou a merecer, embora não a gozasse, a delicia de um passeio atravez das nossas ruas no commodo automovel encarnado dos Barbonos. Foi quando, com a sua cartola, com a sua cabelleira, com a sua sobrecasaca, com a sua responsabilidade ex-senatorial, o sr. Lisboa, na rua da Uuruguayana, num extranho discurso, açulou a populaça contra a sáia-calção, tomando, assim, o partido dos que não querem que cáiam em desuso os transparentes vestidos que nos mostram, na via publica, os mais secretos encantos de muitas egregias beldades. O sr. Coelho Lisboa dirigindo a reacção contra a moda! Mas o combate aos olygarchas? Quererá s. ex. derrubar alguma olygarchia de costureiras?... Estes pontinhos querem dizer que descarregamos a nossa bilis e agora que estamos sem bilis declaramos nullos, sem effeito e de nenhum valor os periodos com que zurzimos valentemente o incorruptivel ex-senador parahybano, cidadão respeitavel, digno de toda a veneração e que por isso mesmo não se deve metter em motins ridiculos como o da *jupe-culotte.*

Por occasião do almoço que lhe foi offerecido, á hora solemne dos brindes, Belisario de Souza Junior erguendo a taça transbordante de champagne bebeu á prosperidade de seus amigos que, por qualquer circumstancia, não tinham podido comparecer. Com verdadeira originalidade, o Sr. Jarbas Carvalho levantando o corpo airoso e o copo espumante, agradeceu em nome dos ausentes. Commentando risonhamente e benevolamente este bizarro agradecimento disse um conviva sem espirito ao Sr. Eduardo Azevedo:

— Algum perverso é capaz de dizer que o Jarbas está ausente em espirito.

A NOVA MODA

Mme. Lespinasse, contra-mestra da casa Raunier, que lançou, no Rio, a «jupe-culotte» exhibe-a ao tomar um automovel.

THEATRO MUNICIPAL

Merece os maiores applausos o acto do sr. General Prefeito annullando o contracto em virtude do qual, com uma larga subvenção dos cofres publicos, o sr. Guilherme da Rosa, constituido em sociedade anonyma, explorava o Theatro Municipal, sem o menor proveito para a arte dramatica brasileira.

A este paiz, tão famosamente rico, os elementos de formação de um bom theatro nunca faltaram, mesmo depois que o acanalhado genero revista, inutilisou os esforços com que a geração de Alencar, Magalhães e o grande João Caetano, levantaram, com seriedade e sem mercantilismo, o gosto pela arte seria, pela arte-Arte.

Temos, no momento, um numeroso grupo de auctores, entre os quaes avultam, já laureados, Coelho Netto, Goulart de Andrade, Oscar Lopes. Temos um sumptuoso edificio. Temos excellentes artistas de ambos os sexos. Falta-nos, apenas, habituar o publico a não desprezar os artistas nacionaes que devem ser postos a coberto de toda a necessidade, de modo a poderem consagrar toda a sua actividade a arte sem que se vejam forçados a procurar meios de subsistencia fóra do theatro.

Agora, que um novo administrador municipal está sinceramente empenhado em organisar a nossa desorganisada Sebastianopolis, podemos olhar com sympathia para o magestoso theatro, que, graças a rescisão do famoso contracto, não mais será o tumulo da nossa arte dramatica.

Não ha nada mais solemne do que um exame. E como se sabe, quando em uma solemnidade se dá alguma scena comica, a gente não resiste ao riso.

Pois foi em um exame de Physiologia, na Faculdade de Medicina, que o Dr. Oscar de Souza teve um gesto muito engraçado, levando em conta a solemnidade do acto.

A respeito de um nervo que enerva a pupilla o Dr. Oscar fez esta pergunta ao alumno:

— Onde termina este nervo ?

O alumno, atrapalhado, levantou as mãos para mostrar a sua propria pupilla, quando o Dr. Oscar virou as costas para elle de mãos na cabeça.

— Pelo amor de Deus! Não metta o dedo nos olhos que isto me faz uma afflicção horrivel !

O seu gesto, a sua exclamação fizeram a assistencia cahir numa gargalhada infernal — e o rapaz foi reprovado.

Complicam-se as cousas entre a China e a Russia. Na previsão de uma guerra com o Celeste Imperio o governo do Imperio Moscovita já nomeou o general encarregado de commandar a retirada das tropas russas depois da primeira derrota.

Numa redacção :

— Andavam a dizer esses malucos que a Republica não pegou em Portugal...

— E quem diz que pegou ?...

— Os factos...

— Ora os factos ! Que factos ? Não creio !

— Leia os telegrammas, leia-os e veja. A republica pegou de verdade : é todo o dia greve e mais greve, barulho e mais barulho, páo e mais páo...

Empregados da secretaria do Exterior enviaram-nos umas estrophes relativas ao sr. Muniz de Aragão pedindo-nos, com insistencia que as publiquemos, o que não podemos fazer por que não cultivamos o genero livre.

O que ellas querem

— Não péga. E' uma moda desgraciosa, sem a menor elegancia.

— Mas tu não vês como ellas andam seguidas de milhares de admiradores ?

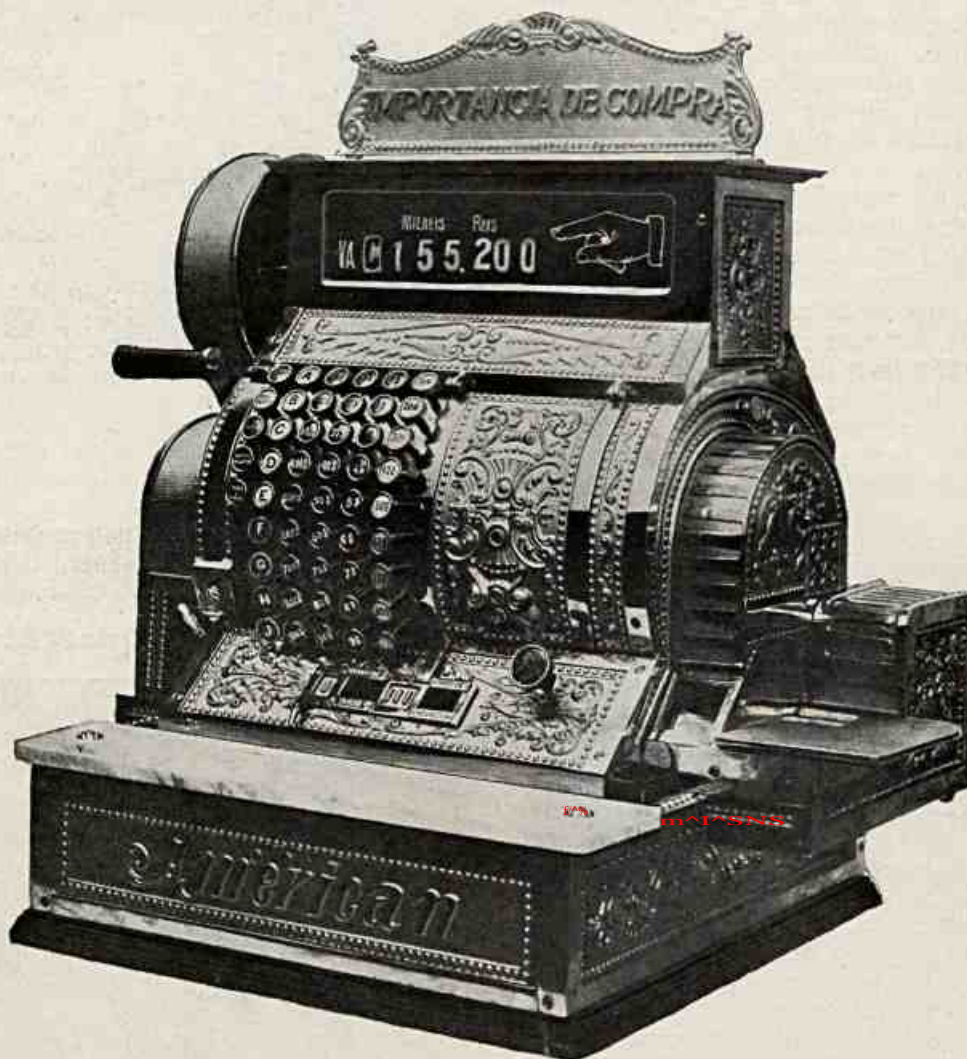
UMA UTIL PREVENÇÃO!

Aviso ao Commercio Varegista!

Em breve achar-se-á á venda nesta capital a superior

Caixa Registradora "AMERICAN"

em varios estylos e combinações, com grandes vantagens sobre as suas congeneres, sendo muito mais modica em preço.

Ninguem perderá por esperar algumas semanas!

Secção de Registradoras "AMERICAN"

CASA HERMANNY

Rua Gonçalves Dias, 67—Rio de Janeiro

MARINHEIROS ALLEMÃES

Familias brasileiras e allemãs e marinheiros do Von Der Tann no Pic-nic realisado na Gavea.

No Pic-nic da Gavea: Convidados.

CINEMA CARETA

A FILHA DO DENTISTA

(FITA DE COSTUMES... UNIVERSAES)

Lili, 22 annos, morena.
Arnaldo, 25 annos, bigodes a Kaiser, frac marron.
Alcides, 23 annos, cara rapada de clerigo americano.
Salão de casa remediada. A um sofá a moça entre os dous cavalheiros. Uma rosa alvissima no decote do vestido.

Lili

Com que então, ambos me adoram não é?

Os dous

Fervorosamente.

Lili

Mas ha de sempre um ter mais fervor.

Os dous, em unisono

Eu!

Lili, rindo

Mas é impossivel me casar com ambos. Ainda se tivessemos o divorcio poder-se-ia contentar os dous.

Arnaldo, supplice

E' mister que se decida. Nós vivemos a seus pes. E essa situação não se pode prolongar por muito tempo.

Alcides

Tanto mais quando isto já vae dando que falar á visinhança. Nós sempre a suspirar sob suas janellas...

Lili

E então?

Arnaldo

Escolha um de nós. O preferido será feliz. O outro resignar-se-á.

Lili

Pois bem, aquelle a quem eu der esta rosa será o preferido.

(*Rumor fóra. Batem violentamente á porta, chamando: Lili, abre, sou eu.*)

Lili, empallidecendo

Papai! Escondam-se pelo amor de Deus, não me compromettam.

Os dous, afflictos

Mas onde, santo Deus?

Lili

Aqui... ali... Ah! Uma idéa. Sentem-se (*Corre a abrir a porta. Entra o pae nobre.*)

O pae

Que é isto Lili? Com quem falavas?

Lili

Estes dous senhores, papai vieram á sua procura. Parece que um delles tem um dente que o faz soffrer muito. Chegaram ainda agorinha.

O pae

Esperem um momento, então. Vou buscar os meus ferros. (*Sahe pela direita.*)

Lili, para os rapazes

Ora ahi têm uma occasião para eu me certificar qual é que me ama com mais ardor. Um dos senhores tem de arrancar um dente para justificar a sua presença aqui.

Os dous, amarellos

Um dente!

Lili

Sim! E o que arrancar terá direito á rosa e com a rosa á minha mão. Decidam.

Arnaldo, para Alcides

Cedo-lhe o passo, meu caro.

Alcides

Nada disso. O senhor é mais velho.

Arnaldo

Não é questão de idade. Os meus dentes são todos bons.

Alcides

E os meus tambem.

O pae, entrando com o boticão tremendo

Qual é o paciente?

(*Longo silencio em resposta*).

O pae

Qual dos senhores soffre dos dentes?

Alcides, resolutamente

Eu!

O pae

Sente-se aqui, então. Qual o dente que lhe dóe?

Alcides, apontando para um incisivo

Este.

O pae

Não se mexa! Um, dous... tres!

(*Ouve-se um estalo e um grito. Na ponta do boticão o velho triumphante brande um magnifico dente.*)

O pae

Cá está elle. Vou lhe buscar um copo d'agua.

Alcides, succumbido

Ai! (*Sorri-se para Lili, mostrando na gengiva ensanguentada o buraco do dente*).

Lili

Coitado! Como ficou feio! Mas eu fiquei salva! (*Lentamente tira a rosa do corpete e extende-a a... Arnaldo.*)

X. FITEIRO

Em um de nossos restaurantes:

— Oh! *garçon* ha meia hora que pedi meio frango! Até quando quer você que eu espere?

— Até que outro freguez peça a outra metade. Ninguem pode matar só meio frango.

DESORGENS E PUGILATOS

Gatunos e cleptomaniacos

Tudo está no dinheiro e na gravata. E' uma lei acaciana, mas é uma lei.

Sou levado a dizer isto depois de lêr um jornal noticioso em que vinham noticias deste jaez:

Pugilato — Hontem á tarde, no ponto de bondes da Botanical, dous advogados resolveram antigas questões com uma scena de pugilato. Trocaram bengaladas e soccos, tendo mesmo havido um tiro de revólver. A policia separou os contendores ficando tudo em paz e a Assistencia medicou os feridos transportando-os para as respectivas residencias.

Desordem grave — Hontem, á tarde, num botequim da rua do Nuncio um reles desordeiro de nome Antonio do Espirito Santo deu uma bofetada no individuo de nome Mario Gusmão só porque este queria tirar-lhe a esposa do braço. A policia recolheu os dous ao xadrez.

Um caso de cleptomania — Hontem, a joalheria Luiz de Rezende foi theatro de uma scena de cleptomania.

Dama elegante e da mais alta roda, ao escolher umas joias, apoderou-se de algumas de alto valor e retirou-se calmamente.

Quando o empregado notou a ausencia das joias levou ao conhecimento do patrão, dizendo desconfiar da dama elegante. A policia não tomou conhecimento do caso.

Um larapio cynico — O nacional José da Silva, creado de servir na pensão da rua Libanio 61, foi recolhido ao xadrez por haver suspeitas de ter sido elle o auctor do roubo de uma ceroula pertencente a um hospede da casa.

O larapio negou cynicamente a autoria do roubo. Só hontem foi libertado do xadrez onde permaneceu dous dias, visto ter sido encontrada pelo hospede a ceroula perdida.

E a proposito deste modo de denominar uma desordem e um roubo pela gravata ou fortuna do individuo nos fornece a seguinte anedocta:

— Sabes? O Zé Xixorro tirou cincoenta contos na loteria.

— Que sorte! Mas elle ainda é ladrão?

— Qual! Agora é cleptomaniaco.

X. M.

* * * A instrucção primaria vai ser emfim organisada nesta linda e ditosa Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Depois da administracção Medeiros e Albuquerque até a actual, a instrucção publica municipal não tem tido tempo de organisar os seus numerosos serviços nem cuidar da regulamentação ou methodisação do ensino porque a preoccupação principal dos administradores tem sido rebater a guerra franca ou a guerrilh a de intrigas despertadas, aquella, por seus erros ou pelos máos pontos de vista da imprensa e movida a outra pelos candidatos vencidos na disputa do posto supremo da instrucção. Agora, dizem-nos, o Sr. Alvaro Baptista, com a energia e a austeridade que o incompatibilisaram com o Sr. Borges de Medeiros, vae, emfim, pôr um pouco de ordem, methodizar a instrucção municipal, tirando, do cáos em que ella se dissolveu, alguma cousa util. Os nossos votos são para que esse illustre sul-riograndense possa prestar á Capital da Republica o grande serviço de dotal-a de um solido apparelho de instrucção, nestes dias não claros em que as escolas primarias desapparecem do Amazonas ao Rio Grande do Sul, o grande estado que está sendo methodicamente invadido pela lingua hespanhola.

Entre ex-padres:

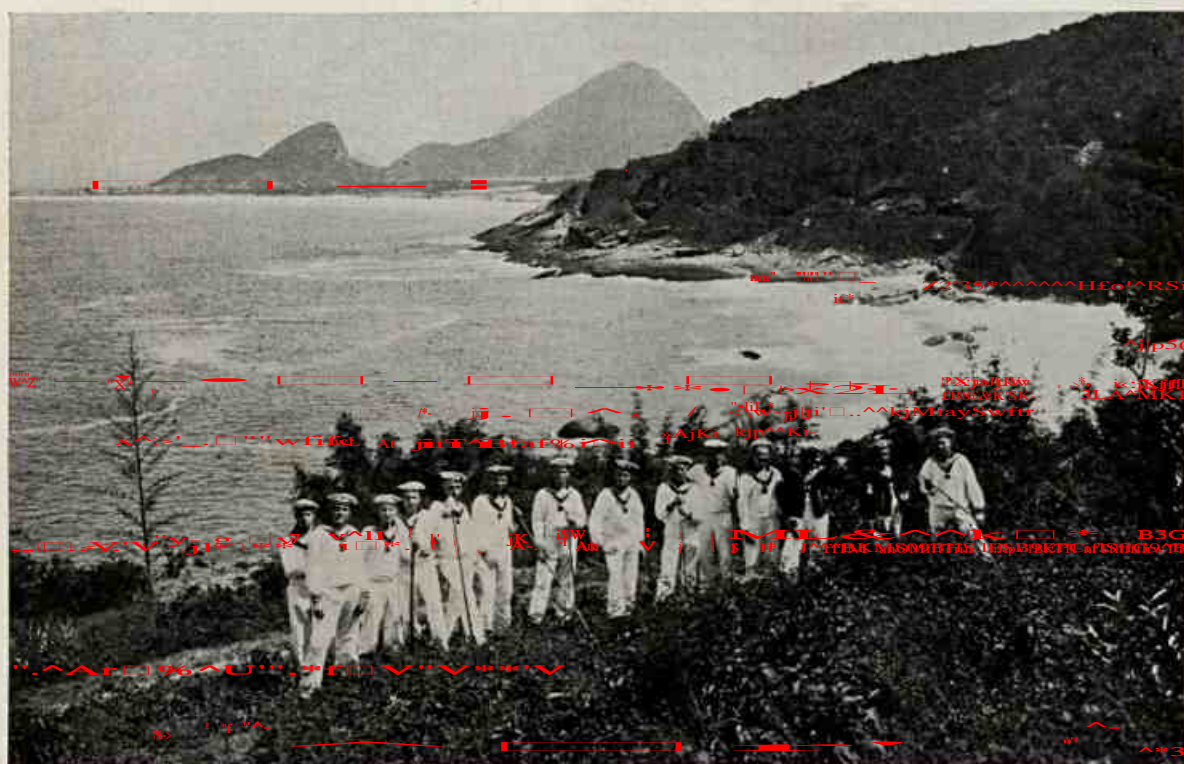
— Que virtude levam ao Paraizo?

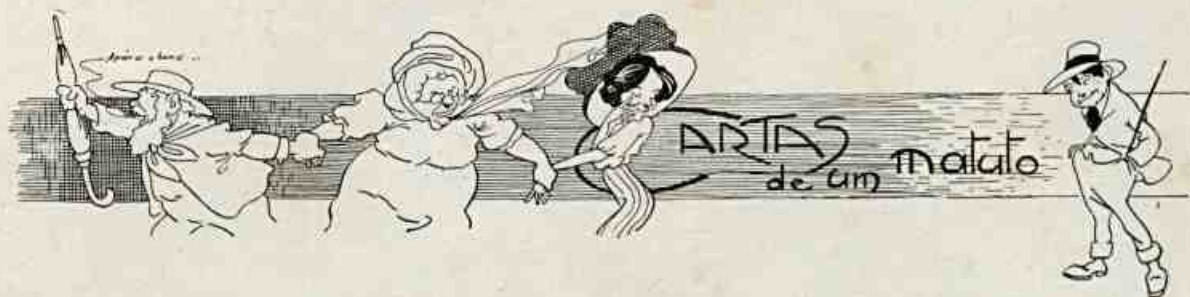
— Os sete peccados mortaes.

Uma inimiga das Jupes-culottes

Ella — E' o que lhe digo, commendador. Eu não gosto.
Elle — Então não acha chic?
Ella — Absolutamente!... Já não nos é mais permittido arregaçar as saias em dia de chuva.

MARINHEIROS ALLEMÃES

A tripulação do Van Der Tann no Pic-nic realisado na Gavea.

Esperando ver surgir o El-Dorado do "azul phosphorecente das ondas tropicaes" os lobos do mar voltam as costas ao oceano e pregam os olhos na machina photographica.

Cartas de um matuto

Minha comade Tereza
Vim de Jacarépaguá
Na sexta-feira, de tarde,
Com fome, sem armoçá.
Percurei um restorante,
Entrei pra mim petiscá ;
Despois sahi a passeio
Pela Avenida Centrá.

As rua tava atulhada
Parecia porcissão.
Gente por todas esquina,
Por toda parte um povão.
Ahi entonce indaguei
A causa da reunião,
E um sujeito me expricou:
"São as tal sáia-carção."

Nisso vêiu vindo a ôndea
De povo, todos gritando,
Uns levantava a bengala,
Outros tava assobiando.
Eu encostei numa porta
Oiêi, fiquei espiando
Mas não atinava o que era
Que o povo tava vaiando.

Quando vi um otomóve
Preso, sem podê andá,
Fiquei com quiriosidade
De i mais perto espiá.
Era um safanão d'aqui,
Um empurrão d'acolá ;
Profim eu cheguei mais rente
E comecei a gritá :

— "Agarra as jipe-culóte,
Espatifa ! mata ! esfóla !
Muié de carça é indecente ;
Fóra ! fóra as mariòla !
Povo, arranca esses carção,
Põe ellas de camisóla,
Se não ellas toma pé
E amanhã tão de cartóla !"

Ahi um môço corado
Me assegurou pelos peito
E disse a um guarda-civi :
— "Prenda e leve este sujeito."
Eu puxei da faca e disse :
— "Ninguem me farta o respeito !
Sou coroné, fazendeiro,
Um conde, um home dereito !"

Me larguei c'um empurrão
Das mãos do guarda-civi.
O povo ficou patéta,
Quando me viu resisti;
Avancei pr'o otomóve,
Puxei a porta e abri...
Quem tava dentro, comade,
Era Biella e Bibi ! ! !

Não sei como não cahi...
Minha vista escurecêu.
Biella, quando me viu,
Abriu os óio e tremeu.
Bibi, mais morta que viva,
Ficou no canto, encoiêu ;
E eu fiquei parado, oiando,
Tal a furia que me deu.

Biella tava vestida
(Com que ? comade ; adivinha ;
Quá ! ocê não imagina.)
Com uma carça das minha !
Pro riba, inté as canella,
Um aventá de cosinha,
E um casaco muito curto
Arrepuxando as maminha.

Bibi tombem, veja só !
Tava de carça-bombacha,
Umas, véia, do marido,
Que ella achou dentro da caixa.
Pra se compô, na cintura,
Ella marrou uma faixa
E ellas tava muito ancha
Co'as tal vestimenta macha.

Eu puz a mão nas cadeira
E disse : — "Ah, sias canáia !
Océs sáe sem mia licença
Pra vi tomá esta vaia !...
Entonce océs pensa qu'eu
Sou um bonecro de páia ?
Bonito ! Tou vendo o dia
Que océs me véste uma sáia...

"Sêo chofér toca essa jóça,
Abre o povo, rompe, arraza,
Arranca pr'ahi afóra,
Vomo simbóra pra casa !"
O otomóve avoôu,
Que parecia tê aza,
E lá foi na dispraada.
Eu tava co'a oreia em braza.

No dia seguinte a historia
Sahiu em todos jorná,
Mas contada defferente ;
Nenhum contou tal e quá.
Trocaro o nome de Biella,
O meu não quizero dá.
E, durante muitos dia,
O caso deu que falá.

Despois de passada a furia,
Eu pensei com meus botão:
— "Gente, não é que é verdade,
Não é que é mêmo bem bão,
Pra senhoras de famía,
Andá de sáia-carção ?
Quem inventou essa móda,
Tinha lá suas rezão..."

Cá na côrte, por inzemplo,
Pras muié subi no bonde,
(Seja senhoras honesta,
Muié de doutô, ou conde)
Tem de arregaçá a sáia
Não lhe conto inté adonde...
E mostra, queira ou não queira,
O que na róça se esconde.

Já dei licença a Biella
De vesti jipe-culóte
Mas comtanto que, pro riba,
Ponha ao menos um saióte.
A moda é muito decente;
Indecente é o decote.
Isso sim, que merecia
O povo atrás dando trote.

Eu tenho inveja d'ocê
Que véve no seu cantinho
Rezando as suas novena,
Comendo seus guizadinho,
Socegada de sua vida,
Longe deste borborinho,
Onde se encontra fulôres,
Mas porém com quanto espinho!...

Comade, ocê não me esqueça
Ao fazê suas oração.
Peça a Deus que me conceda
Socego e conformação.
Muitas sodades do seu
Compade do coração
E amigo véio de sempre
TIBURCIO D'ANNUNCIAÇÃO.

A RAZÃO

Nervosa, sacudindo raivosamente a sua nobre magreza de princeza loira, dentro de um halo prateo de luar, á sacada, com as costas para o mar, Antonietta revolta-se.

— Os barbaros! Os garotos! Vaiaram a moda nova! Apuparam a sáia-calção! E quem a apupa? O populacho ignobil, a baixa plebe que dos esplendores mundanos só tem as noções que lhes mostram os frontespicios illuminados dos nossos palacios e os rumores que lhes leva o apressado rodar das nossas carruagens...

— Mas o dr. Daniel é contra a *jupe-culotte*. Creio mesmo que ajudou a vaial-a, na Avenida Central.

Antonietta, á essa delação que lhe incluia o noivo na horda urrante dos barbaros, emmudeceu, e semicerrando o azul dardejante dos olhos tombou pesadamente na cadeira, como a estatua que tomba do pedestal.

* * *

E o dr. Daniel entrando risonho e amavel baixou o olhar ferido pela colera de vulcão activo que incendiava o olhar de Antonietta.

— Que te fiz?

— E' exacto que vaiaste, na Avenida, confundido com a vadiagem desordeira, a nova moda, a elegante moda da sáia-calção?

A fronte pallida do bacharel ergueu-se com a formosa altivez com que costumava, nos dias facundos de eloquencia juridica, dominar, do alto oracular da tribuna, a massa murmurejante dos ouvintes.

— Sim, affirmou com energia, vaiei a *jupe-culotte*.

— Vaiaste-a !? Porque?

— Porque é contra a moral do nosso tempo.

— Contra a moral do nosso tempo?

— Sim: esconde tudo.

— Esconde tudo! repetio a dama loira e magra que Balzac amara se vivera em nossos divertidos dias. Esconde tudo! e no seu coração, emquanto subia a clara convicção, rugia, nascente e já poderosa, uma grande e justa revolta contra a discreta immoralidade da ultima extravagancia elegante da moda.

SYLVIA DE LEON

O senador Augusto de Vasconcellos trabalha muito para que a sua chapa de intendentes vença em toda a linha.

Um dia destes, em grupo de eleitores fazia elle o elogio de um candidato.

— E' um homem de bem á toda a prova. Bravo, honesto, leal... Já uma vez me salvou a vida...

Ahi interrompeu-o um dos presentes:

— O senhor deseja mesmo a victoria desse candidato?

— Por força, homem.

— Pois então siga o meu conselho: não diga a ninguem que elle lhe salvou a vida...

— Eu e meu pae nada ignoramos neste mundo, dizia o jovem Pacheco em uma roda.

— Isto é verdade.

— Verdade verdadeira.

— Pois bem tira-nos lá de uma duvida: onde nasce o Amazonas?

O Pachequinho pensou e depois disse:

— Isto é lá o Papae quem sabe.

Sabemos que um numeroso grupo de cavalheiras vae adoptar *culotte* sem *jupe* e lançar as respectivas candidatura ao Conselho Municipal do Sr. Vasconsellos de Rapadura.

JUPE-CULOTTE

— Até minha segra!...
— E fica bem?
— Qual!... Parece o policia gordo da Pantomima Aquatica.

* * * Uma professora de Sergipe, a terra do Sr. Valladão, do Sr. Manoel Bomfim e do Sr. Rodrigues Doria, que accumula ás funcções do magisterio a de mãe de familia, requereu 3 mezes de licença ao dito Sr. Rodrigues Doria para ter a sua delivance.

Este, ao que parece, está cada vez com menos juiz, pois despachou a petição com as seguintes palavras: *Concedo a licença requerida sem vencimento algum, visto não constituir molestia o estado em que se acha a supplicante, nem constituir situação independente da sua vontade.*

O Sr. Rodrigues Doria é medico, e até escreveu em tempos uma conferencia humoristica sobre *O nariz*, publicada nas alentadas columnas do "Jornal do Commercio." Deve ser homem de bastante leitura pois que alguns dos seus collegas affirmaram ser aquelle seu trabalho um lindo plagio de obra franceza então apparecida.

Não deve portanto ignorar que entre as medidas reclamadas pelos idiotas que se occupam da defesa social estão as que dizem respeito ao descanso da mulher quando naquelle estado que parece S. Ex. desdenha sem se lembrar talvez que sem elle Sergipe não teria a felicidade de possuil-o como presidente.

Em todo o caso, é uma doutrina original a do notavel estadista sergipano. S. Ex. quer as professoras solteiras, ou se casadas ultra-civilisadas.

O Dr. Rodrigues Doria foi partidario do Jardim da Infancia do qual fazia parte o Dr. Miguel Calmon, promotor do povoamento do solo.

Depois converteu-se ao credo dos Levistas do Alkorão.

E parece que só por isso e para não se tornar suspeito deu aquelle singular despacho.

Para elle o papel da professora é só cuidar dos meninos, e não augmentar a população escolar.

Não cabem dous proveitos em um sacco. Uma professora não é como o padre-mestre que tambem os baptisa.

Ella que ensine sómente.

A NOVA MODA

O povo na rua da Uruguayana celebrando ou apupando a saia-calção exhibida por um manequim no mostruario da casa Raunier.

PALACIO DO CATTETE

O commandante e alguns officiaes do crusador-couraçado allemão "Von Der Tann" recebidos pelo marechal presidente.

COMO SE ESCREVE UMA COUSA ALEGRE

Muita gente pensará, ao ler a *Careta*, que os respeitaveis cidadãos que a confeccionam são creaturas sempre alegres e risonhas, dispostas a se rir de tudo e nas quaes não penetram os pensamentos graves nem as tristezas da vida.

Com effeito, parece impossivel que uma pessoa, a não ser que esteja de alma alegre, saúde perfeita e uma grande tranquillidade de espirito, seja capaz de ainda poder escrever uma cousa engraçada a respeito, por exemplo, da rabona do Pecegueiro do Amaral que é dos assumptos para pilherias, o mais velho e o mais explorado.

Pois é um engano. Nem sempre o riso é a voz do coração e nem sempre o que se escreve é o que se sente no peito.

Quantas vezes o Leal de Souza está ali da sua meza, com uma cara amarrada que é medo, duas rugas horizontaes na testa, sério e solemne, escrevendo uma cousa qualquer que, pelo seu modo de escrever, a gente julga ser um necrologio ou uns versos para a lapide de um amigo, e no entanto o que sahe de sua penna são as boas piadas, as "charges" terriveis que enchem a *Careta*.

E ainda não ha muito tempo, interrompendo cada verso para contar uma anedocta, risonho e alegrissimo (era o dia 1º do mez) elle escreveu um soneto inteiro, um soneto profundamente triste que naturalmente quando fôr conhecido pelo publico vae fazer muita gente imaginar:

— Como este poeta soffria quando escreveu estes versos!

A.

TOUT PASSE...

Duas creanças... lembras-te Maria?
Nos casámos e amámos loucamente...
Nesta casinha nossa então havia
Um não sei que de alegre e de contente.

E, descurando a vida, a percorria
Ao lado teu, despreocupado e crente.
Mas, nem siquer pensei em ver-te um dia,
Como te vejo, pallida e doente!

Ah! vae passando o Outono... o frio Inverno
Tudo crésta e destróe, minha querida,
Até o sonho, o amor, o bem superno!

Não sei como não morro de pezares
Pensando que já vaes para Outra-Vida
— Tão branca, como a neve dos luares!

DEODATO MAIA

CONFRATERNISAÇÃO COMPLETA

Juntaram-se em alegre patuscada alguns marinheiros nacionaes — restos da nossa gloriosa e valente marinhagem — e numerosos marinheiros allemães. Passearam, foram aos arrabaldes, andaram pelas avenidas, percorreram theatros e de madrugada ceiaram. Comeram muito e beberam pouco, mas a confraternisação entre os brasilios e teutos foi completa, tão completa que os allemães chegaram á bordo do *Von Der Tann* com as barretinas do *Minas Geraes* e os nacionaes arribaram á nossa nave com os barretes do *Von Der Tann*.

A PROCURA DE PRAIAS

Somos provincianos, eu e o meu amigo Eustachio. Somos provincianos, abalamos da nossa aldeia perdida nos longinquos confins de Matto Grosso e viemos á linda capital da patria gozar os primores da civilisação tratando da saúde compromettida.

O medico, uma celebridade, que consultamos acha que a nosso molestia commum é mais ou menos imaginaria e receitou-nos um mez de banhos de mar.

O remedio, julgavamos, é facil de applicar. Pois não é.

Compramos calções, camisas, alpercatas, toalhas felpudas e até salva-vidas de cortiça e ao entreluzir roseo da aurora tocamos para Copacabana. Pois, senhores, percorremos toda a costa, de Ipanema ao Leme, e não encontramos um estabelecimento balneario! Vimos, é certo, muita gente afoutar-se ao mar mas não quizemos imital-a por que não percebemos probabilidades de soccorro num caso de perigo. No dia immediato fomos ao Flamengo, depois ao Boqueirão, depois ao Cajú, depois á Icarahy — por toda a parte a mesma cousa; soffremos a mesma decepção em toda a parte e amargamente, com a colera de dois provincianos desilludidos, confessamos: — no Rio de Janeiro não ha praias de banho!

No salão de banquetes da Confeitaria Paschoal. Realisa-se o almoço de despedida que ao seu confrade o nosso illustre amigo Belisario de Souza Junior, desterrado para o Acre, offereceu a redacção d'*O Paiz*. Os convivas comem com solemnidade e bebem sem ceremonia. Entra um creado sacudindo um vasto envolucro; depõe-no ás mãos do manifesta lo, que o abre, aspira o perfume inebriante de um ramilhete de bellas flores, passeia o olhar amoroso pelo cartão — um cartão á phantasia — que as acompanha, córa, sorri, mette o cartão no bolso e explica aos commensaes: E' do Lindolpho Azevedo... Passaram-se quinze minutos. Entra um creado e nas mãos do sr. Belisario de Souza depõe um pequeno envolucro. Abre-o este. Espalha-se um aroma entontecedor pelo ambiente, o venerando ancião levanta do fundo de uma caixinha auri-lavrada um cartão á phantasia; devora-o; dardeja um olhar severo sobre o homenageado e declara aos convidados: — E' do Lindolpho Azevedo!... Passam-se dez minutos... Um creado entra e depõe nas mãos de Julião Machado uma carta. Ao rasgar do envellope rolam petalas de rosas sobre a toalha. O grande caricaturista estende a missiva a Belisario Junior recommendando: "esconda isso„ e voltando-se para a assembléa mastigante, affirma: — E' do Lindolpho Azevedo. Deslisam os minutos. Soam passos no salão visinho. O brilhante chronista Gilberto Amado agita-se, inquieto, na cadeira. Sentes alguma cousa? perguntam-lhe. — Sim, tenho medo que seja o Lindolpho Azevedo: olha o Belisario — está pallido.

A' porta de uma casa de moda:

— Tem vendido muita *jupe-culote?*

— Muitas e tenho verificado que o trocadilho está em moda.

— Não percebo.

— Eu lhe explico. Vendo uma *jupe-culote*, e a fregueza logo a transforma em *jupe-calote*.

A professora disserta sobre os perigos da *surménage*.

— Imagina tú, Juquinha, que teu pae ao chegar em casa de noite dissesse que tinha de voltar para a cidade...

— Ah! fessora nem quero imaginar! A mamãe armava um *banzé*...

JUPE-CULOTTE

ELLE — E' ridiculo sim senhora! Não admitto que minha mulher *saia de calças*.

A NOVA MODA

Modelos vivos... de "Jupe-culotte"

JUPE-CULOTTE

Com o louvavel intuito de completar a galeria historica do municipio fazendo incluir nella, devidamente reduzidos a côres, os principaes acontecimentos e as grandes personagens do nosso tempo, o sr. General Prefeito encommendou tres soberbas télas a tres soberbos artistas.

Em virtude de taes encommendas, o illustre Visconti pintará os *Populares vaiando a jupe-culotte*; Rodolpho Amoedo está confeccionando um grande quadro: *Mme. Lespinasse em jupe-culotte* e Fiuza dá as ultimas pinceladas em "La jeune fille en sans dessous de jupe-culotte."

O sr. Petit, Augusto, por conta propria está fazendo o retrato da *jupe-culotte.*

UM ARCHITECTO

Um architecto nacional de grande nomeada e cujo nome de quando em vez é citado entre as nossas mais alcandoradas glorias, tendo deliberado fazer uma casa para a sua residencia foi a um velho mestre de obras e pedio-lhe uma planta. O mestre de obras com muito espanto, exclamou:

— Pois o dr. que faz plantas tão lindas para a casa dos outros vem pedir a um mestre de obras planta para a sua casa ?!

— E' que eu quero uma boa casa.

Obtida a planta, o architecto foi a um empreiteiro a quem incumbio da construcção.

Redarguio-lhe, a principio, o empreiteiro:

— Pois o dr. está construindo tão boas casas para os outros e vae mandar fazer a sua por um empreiteiro ?!

— E' que eu quero uma casa segura, explicou o architecto.

Hontem, no pateo do Hospicio Nacional de Alienados, perante numerosos psychiatras, foi solemnemente lançada a pedra fundamental do monumento destinado a commemorar a invenção da *jupe-culotte.*

O sr. J. P. Azevedo teve a gentileza de nos enviar uma garrafa do seu magnifico aperitivo Kyssú, preparado em seu laboratorio com plantas indigenas medicinaes.

A NOVA MODA

Mlles. Rosa e Martha em Jupe-culotte.

O CAES DO PORTO

Quando ainda a mocidade doirava os meus cabellos, já amigos, então moços, que por vezes appareciam no meu recolhimento claustral, falavam com deslumbrada certeza no precipitado progresso que abalaria a nossa capital no dia em que, realisando-se a velha aspiração de todas as gerações de cariocas, tivessemos, ao longo do porto, um solido cáes em que pudessem atracar, vindos de todos os mares, os vasios transatlanticos.

Cheguei á maturidade e os meus amigos, que tambem haviam attingido á idade madura, levavam ao meu convento, com outros rumores do mundo, a deslumbrada certeza do progresso da patria no dia em que a nossa capital tivesse, amuralhando-lhe o lindo porto, um solido caes.

A velhice, emfim, prateou os meus longos cabellos e pratearam-se, com a velhice, os cabellos dos meus amigos que não ficaram carecas. Mas o bom Deus, cuja misericordia é infinita, não quiz que morressemos sem vermos, num pedaço do nosso porto estendido um pedaço de cáes em que pudessem atracar, vindos de todos os mares, os vastos transatlanticos.

Os brasileiros pagaram pesados impostos, curtiram duras provações e fizeram, emfim, construir o cáes anhelado por tantas gerações — a porta doiro aberta ao progresso, para que entrasse, e invadisse todo o Brasil, fecundando-o.

Ergueu-se o Cáes. Temol-o emfim. Temol-o e o progresso não vem, e o desembarque em nossa capital é tão difficil e perigoso quanto outrora e do soberbo cáes só nos chegam aos ouvidos noticias de rusgas e brigas e desintelligencias que o tornam inutil.

FREI ANTONIO

— Adoptaste a *jupe-culote?*

— Sim, por economia.

— Não póde ser, a *jupe-culotte* leva mais panno, deve pois, custar mais que a *jupe* simples.

— E' verdade. Mas o meu caso é especial Eu tenho uma velha saia de cyclista e o meu marido possúe umas bombachas de gaúcho: junto-as.

— Assim sim.

Rio de Janeiro

GAVETA de CARTAS

Menotte del Picchia (?). Muito lindos os seus versos, seu Picchia, muito bonitos, mesmo. Vel-os e admiral-os foi obra de um momento. O diabo foi que vieram perdendo pés pelo caminho, de sorte a chegarem aqui inteiramente aleijados.

Paulino Jardim (Alagoas). O senhor com certeza é dos taes bachareletes de 11 annos que ahi pullulam por obra e graça do sr. Raymundo de Miranda. Seus *Murmurinhos* são supinamente idiotas. E os outros tambem...

F. Lima (?). Seu soneto é admiravel. Então aquelle pedacinho:

Quero falar sosinho...

é bonito até sexta-feira como diz o Solfieri delegado. Mas cuidado: quem fala sosinho fica maluco.

Camillo T Mercio (Rio). Continúe a versejar e a rasgar o que escrever.

Costa Rego Junior (Pernambuco). Não seja tão ardoroso assim, mancebo! Olhe que póde vir a soffrer do peito. Para seu bem mesmo, desta vez indeferido.

J. B. Dantas (Agudos). Isto é que é um poeta de mão cheia! Sim senhor, seu Dantas, que auspiciosa estréa a sua!

Claudio Moreira (Rio). Ahi vae o seu maravilhoso soneto, que, na verdade, nos embasbacou a todos:

Corria a brisa sobre as arvores adustas
Do marnel solitario em prófugos arrancos
As aguas despenharam das montanhas robustas
E cahiam com ruido espumaradas brancas.

As nuvens rendilhadas passagens davam francas
Arreboladas, roseas, rubidas, venustas
E tu tremias... Flor! Porque te assustas
Porque te foge a côr ás faces brancas?

Não vês que a Natureza é um arremedo
Do que se passa em nós? A tempestade
Rompe os diques ás ondas do arvoredo

E tu pallida choras!... Por piedade
Não chores, não soluces, perde o medo
Vamos noivar em honra á Mocidade.

M. Teixeira Barros (S. Paulo). Tanto os seus versos como a sua prosa foram para a cesta.

Saul Carneiro da Cunha (Victoria). Ahi vão alguns fragmentos do seu poema:

Ai porque a mulher é um ente futil
Que só ama no mundo a cousa inutil
Que é a Moda? E despreza quem a ama
Só porque sem dinheiro, cargo ou fama
Não lhe póde vestidos adquirir?
E isso acaso obra de um ser humano
As feras por acaso do marido
Exigem esse esforço tão tyranno
Pedem um sacrificio dolorido?

Responde! Dize logo francamente
Que em a Natura só o humano ente
E' que tem deshumano coração
Pois que o amor prefere o vil tostão!...
Vêde o caso: um mancebo ainda novo
Com esperanças mil e um velho rico
Já calvo, o craneo nú parece um ôlho
Mas é barão, e tem contos e pico
Ambos da mesma bella apaixonados
E ella quem prefere? O sonhador
O pobre do poeta enamorado?
Engano; ella prefere o seductor
Já velho, barrigudo e desdentado
Mas que póde lhe dar vestidos mil
Ao passo que o outro pobre apaixonado
E' pobre e não possue nem um ceitil.
Isto é escandaloso! A sociedade
Devia ser no todo transformada;
Essas ostentações da vaidade
Deviam de acabar, voltar ao nada...
Se Deus eu fosse com que grande prazer
Acabaria o Mundo e outro ia fazer!...

etc., etc., etc.

Vê-se bem que o sr. Carneiro tem pancada no realejo e isso porque não poude dar um vestido novo á pequena quando ella lh'o pediu! E então ella se casou com um velho barrigudo, seu Saul? Pois tem um bom remedio, case-se com a mãe delle, que deve ser rica em excesso, de annos, achaques e patacas.

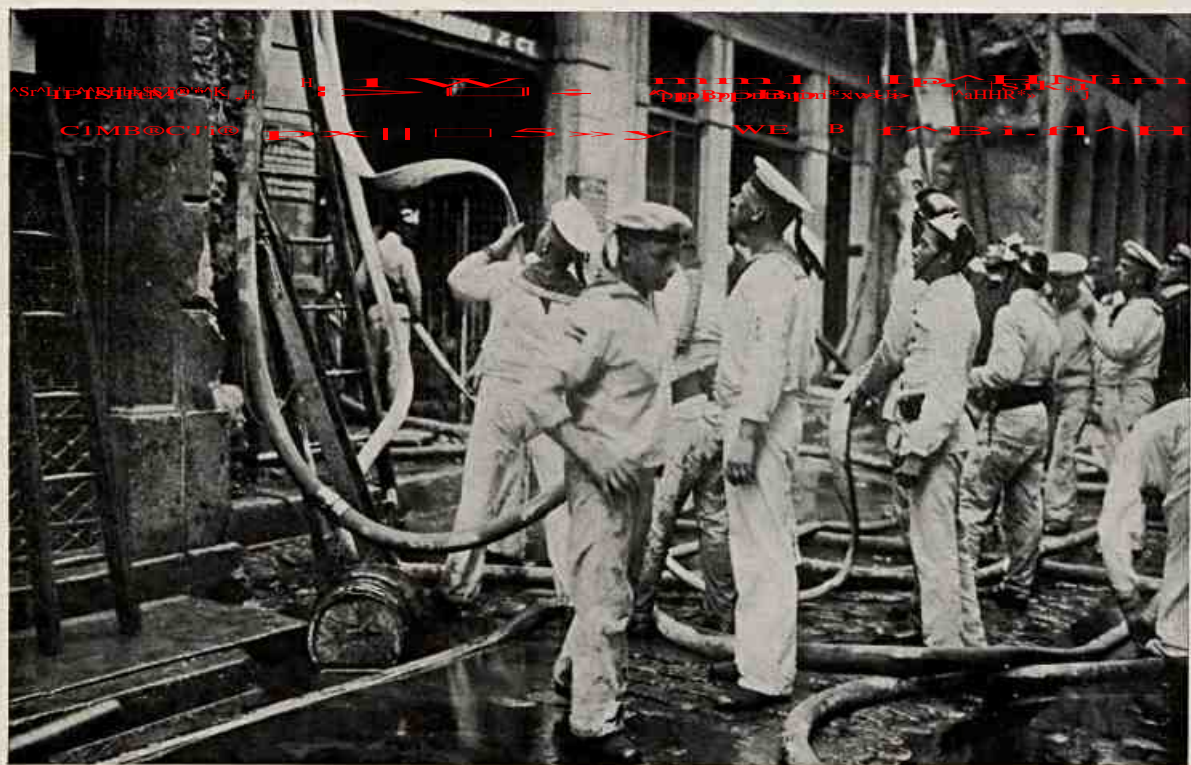
Tendo a rainha Victoria iniciado uma campanha contra o beijo dado ás creanças o rei Dom Affonso iniciou tambem campanha contra os beijos dados ás esposas. Deante desta extranha attitude a rainha poz termo á sua campanha.

DISCORDIA DOMESTICA

— Mas então, tu és um *maricas*. Quem usa calças em tua casa não és tu?

— Qual!... Meu velho... Hoje todos usam. Até minha sogra.

O INCENDIO DA RUA DO HOSPICIO

Os bombeiros em acção.

Marinheiros allemães auxiliando os nossos bombeiros.

O INCENDIO DA RUA DO HOSPICIO

Aspecto da rua.

NOTAS SCIENTIFICAS

Ainda os microbios

Mais de uma vez tenho tratado nestas columnas das diversas theorias que explicam o papel dos microbios como factores de differentes molestias, taes como a tysica, o sarampo, o enjôo de mar, a pyndahyba, o somno, o mal de sete dias, a dança de São Guido, a dôr de cabeça e a dôr de dente.

Citei as theorias do grande medico Augusto de Vasconcellos e de outros não menos abalisados sabios. Mas o assumpto não está esgotado.

Dia a dia a sciencia se enriquece com descobertas novas e theorias cada vez mais racionaes.

Cumprindo o meu dever que é o de informar ao respeitavel publico sobre todas as novidades scientificas, vejo-me obrigado a voltar a este assumpto.

* * *

O nome do dia nos arraiaes da Bacteriologia é o do dr. Leitão da Cunha que acaba de enriquecer extraordinariamente a sciencia dos microbios com a publicação do seu tão annunciado e esperado livro denominado *Alergias*, em brochura, e que custa 18$000 cada um.

Deixemos de parte a analyse da impressão typographica da obra, da qualidade do papel em que é impressa, o peso em grammas de cada volume, a área em *micras* quadradas da capa do livro e entremos na observação dos grandes factos scientificos que nos são revelados na grande obra.

* * *

O dr. Leitão da Cunha afasta-se bastante das theorias do magnificente Augusto de Vasconcellos no que diz respeito ao papel dos microbios nas molestias.

Como se sabe Vasconcellos é de opinião que só ha uma especie de microbio, a *sarna*, a unica em que elle acredita porque já viu. Todos os outros são invencionices. Na sua opinião este microbio occasiona todas as molestias conforme o logar que ataca; e este ataque, segundo Vasconcellos, é a dente. A *sarna* róe os diversos orgãos e este seu roer é a causa de todos os males da humanidade.

Segundo o dr. Leitão os microbios são varios e cada um é factor de uma molestia.

Eis, neste sentido, o que elle diz:

"A vída, pôr micróbios vários que ao ôrganismo nósso atacândo, pôr súas toxinas, já, pôr ôutros prôdúctos de êlabôração súa, já, resistir múitas vêzes não póde — Huxley — apêzár de — Reprhokastmy — atáque leucôcytico tenáz que, pôr influência, não dos ôpsoninas — Xerhovistoscosk — das ággrêssínas tão pôuco — Meroskibartyk — senão dás ênglôbações ciliáticas dos mônonúcleáres — Methchinicóf — e a mórte se rêalíza côm a súa pèrda cônsequênte — Xernovistok. Meréce dicôtômizáda ésta êm dúas, cômo si fôra aquélla — mórte látente e mórte mánifésta."

* * *

E sobre isto o dr. Leitão vastamente se estende.

Como vêm os leitores ha entre este bacteriologista e o grande Augusto de Vasconcellos uma enorme divergencia de opiniões.

Doutor Sabão

O senador Bernardo Monteiro visitava uma familia de suas relações. Encontrara bella sociedade. Rapazes e moças jogavam ás prendas. De repente apostaram quem faria a careta mais feia. Chamado para juiz uma pequena de 10 annos viva e experta ella correu toda a roda examinando a collecção de carantonhas; depois passou diante do Dr. Bernardo e disse:

— Foi este! Foi este quem ganhou!

Ao que retorquiu o austero senador:

— Perdão, menina, eu não tomei parte no jogo.

Um dos nossos mais eminentes Hippocrates citára um seu cliente para lhe pagar uma conta que este se recusara a satisfazer taxando-a de exagerada.

O juiz tomava o depoimento de varias testemunhas.

— E' verdade, perguntou a uma destas, que o Dr. fez varias visitas a X depois delle estar fóra do perigo?

— Ah! isso eu não posso dizer, Sr. Juiz, porque emquanto elle esteve aos cuidados do Dr. sempre eu o considerei em perigo.

MEIO INFALLIVEL

— Pois eu conheço um processo para derrotar as saias-calção.
— Qual é?...
— Provar que as formas femeninas ficam occultas.

BOAS VINDAS

Em nossa patria, vindo de Portugal, donde o expulsou a original fraternidade do governo republicano, está o Sr. conselheiro Castello Branco, que pertenceu, como Ministro das Relações Exteriores, ao ultimo Conselho de Ministros da Monarchia Portugueza.

Caso descenda do egregio mestre Camillo Castello Branco, rogamos a S. Ex. o favor de receber o incenso do nosso culto, as flores da nossa admiração, os beijos do nosso carinho, os abraços do nosso enthusiasmo.

Em qualquer caso, porém, o illustre conselheiro é bem vindo a esta *livre patria de livres irmãos* da graciosa hypothese do hymno da Republica.

— Porque razão, Simplicio, é que você gostando tanto de escrever, nada publica?

— Os redactores dos jornaes sempre recusam as minhas producções.

— Mas porque?

— Não sei. Não tenho a minima idéa.

— Ah! Ha de ser justamente por isso.

EFFEITO DA PINTURA

A um dos nossos maestros de mais retumbante nomeada nos centros musicaes aconteceu um caso singularmente gracioso.

O maestro, que além de maestro é tambem dentista, possúe uma das mais fartas negras cabelleiras ondeadas da cidade. Pintou-a de loiro, á linda cabelleira, e de loiro pintou os bastos bigodes.

Assim loiro foi a uma festa e, por feliz acaso, acaso que depois considerou uma desgraça, assentou-se ao lado de um dos seus melhores amigos — o seu mais fervente admirador.

O admirador, ao vel-o assim loiro, não o reconheceu mas sendo loquaz entrou a discorrer sobre a divina arte da musica. Louvou os grandes nomes extrangeiros, citou, louvando-os, muitos nomes nacionaes. Trazendo á baila, de repente, o nome do sonoroso dentista desancou-o com brutalidade. Deu-lhe de besta para baixo e terminou: tão ruim dentista quanto máo musico.

No dia seguinte o illustre artista do boticão e da batuta despintou bigodes e cabellos.

CASTIGO NECESSARIO

Cerra-filas da imprensa diaria, tambem nós, cheios de indignação pacifica, levamos ao dr. chefe de policia o nosso protesto contra a attitude violentamente abusiva do delegado Flores da Cunha oppondo a sua bengala aos cajados com que o aggrediram ha dias na Avenida Central.

Um delegado de policia deve possuir a mansidão resignada de um abbade octogenario, deve curvar-se á vontade soberana do povo, deve submetter-se á desordem quando a faz a multidão e si o aggridem a sua obrigação é apanhar com humildade. Quando, porém, os seus aggressores gozam de previlegios á autoridade civil compete immediatamente desapparecer pelo chão á dentro ou supplicar aos populares que a lynchem.

Castigue, pois, com severidade, o chefe de policia a esse atrevido delegado que não consente que o desmoralisem.

BISPO

Estende-se já para além das fronteiras do paiz, chega á Martinica, vai á Roma, a gloriosa influencia do general Pinheiro Machado, o grande campeão das liberdades patrias.

Demonstrando de modo inequivoco essa sua vasta influencia, o insigne director das rinhas politicas do Senado dirigio um copioso telegramma a seu amigo o Papa Pio X, pedindo-lhe, impondo-lhe mesmo a nomeação do dr. Hemeterio dos Santos para o cargo de bispo de Port-au-Prince em substitutção a Monsenhor James Theodoro Holly, fallecido com 72 annos e que foi o primeiro bispo de côr.

O "PETROLEO OLIVIER"

Limpa completamente a cabeça e liberta o couro cabelludo de todas as sudações e caspas, causas primordiaes da calvicie e do embranquecimento prematuros.

Impede a queda dos cabellos.

Faz nascer novos cabellos.

Fortalece e embelleza a cabelleira. Regenera os cabellos cujo estado pareça já o mais desesperador. Conserva a côr dos cabellos.

De uso muito agradavel, porque além de purificado é tambem perfumado, de forma a não se notar o cheiro do petroleo.

Ha um grande numero de imitações deste producto e por isso devem exigir o de *M. OLIVIER.*

VIDRO 3$000. PELO CORREIO 5$000

Em todas as perfumarias e no deposito geral

A' GARRAFA GRANDE

66 — Rua Uruguayana — 66

PERESTRELLO & FILHO

O "VEEDEE"

BELLEZA DA FORMA

Ao passo que rolam os annos entre nós, e chegam e vão-se os verões, dois males ameaçam a mulher que deseja permanecer jovem e attractiva. Ou fica descarnada e secca, ou engorda com muita rapidez. Para ambos elles offerece uma cura a massagem vibratória.

Bem pode extranhar o leitor que a cura que se applica a um tambem sirva para o outro. Mas bastarão alguns minutos de reflexão para facilmente convencer-se qualquer de como tal é o caso. O corpo magro e descarnado é devido á contracção dos musculos e fibras gordas debaixo da pelle, em consequência da perda do proprio exercício e estimulo. O **Veedee** actua directamente sobre estes musculos e fibras, sem esforço algum da parte de quem o usa, e assim restaura os musculos e as fibras, dando ao corpo certa flexibilidade e uma forma arredondada.

OLHOS BRILHANTES

Quem ha que não admire a belleza d'um olhar brilhante e luzente, expressivo de todas as emoções que nascem no cerebro, e demonstrativo da saúde e da felicidade, pelo seu mesmo scintillar? Sem actuar directamente sobre os olhos, o uso do **Veedee**, quando é applicado ao rosto ou a qualquer parte do corpo, dá um tom e uma vitalidade taes ao organismo inteiro, que o resultado inevitável é um olhar brilhante e refulgente.

Para ser-se bella é preciso ser sadia. As bellezas languidas e achacadas dos tempos das nossas avós são cousas do passado, e a belleza da actualidade deve ser o retrato da saúde, respirando em cada feição a vitalidade é a " joi de vivre "; e isto é o que produz o **Veedee** sem fadiga ou esforço algum desnecessário.

Agente Geral para toda America do Sul: — EASTON GARRETT

DEPOSITARIOS GERAES NO BRASIL.

ORLANDO RANGEL & C. — Avenida Central, 140 — Rio de Janeiro

S. Paulo: Baruel & C., rua Direita n. 1 — *Porto Alegre:* J. A. Baptista Pereira, rua do Commercio n. 2-A — *Rio Grande:* Hallawell & C., Drogaria ingleza — *Curityba:* Kalckmann & C., Drogaria — *Campinas:* Casa Livro Azul — *Bahia:* Palacio de Crystal — *Pernambuco:* J. W. Medeiros & C., Livraria Franceza — *Pará:* Pharmacia César Santos — *Manáos:* Drogaria Universal.

PEÇA-SE FOLHETO EXPLICATORIO N. 2

Ainda... E Sempre na Ponta

As Cervejas da BRAHMA, são as melhores de todas

As Cervejas mais Afamadas no Brasil:

TEUTONIA
CLARA

BRAHMA-BOCK
Typo Münchener

YPIRANGA
CLARA

BOCK-ALE
CLARA

BRAHMA-PORTER
PRETA

CRYSTAL
CLARA

Cervejas populares de fraca alcoolisação:

Brahmina — (CLARA)

Guarany — (CLARA e ESCURA)

CAIXA DO CORREIO N. 1205 — TELEPHONE N. 111

RIO DE JANEIRO